

ATRAVÉS DO BINOCULO
(COLYSEO)



A CARICATURA EM PORTUGAL - V

O Raphaelismo, uma escola organizada

Osvaldo de Sousa

do Progressista, do nascimento do republicanismo... que criaram essas milhares de obras, a base de sustentação da evolução da caricatura, a massa de onde se destacam as obras-primas.

Nessa massa existem aqueles de quem apenas ficou o nome, como assinatura de obras esquecidas; outros que, não pertencendo ao grande livro da história da arte, são contudo merecedores de uma referência, da recuperação de alguns dos seus trabalhos. Naturalmente, se fizermos uma história comparativa com os artistas geniais que havia na Europa, com o poder técnico e gráfico dos jornais por aí publicados, nenhum destes artistas merece referência, assim como alguns dos ditos artistas geniais portugueses.

Se fizermos uma análise objectiva, na dimensão do nosso mundo cultural, político e social, então muitos desses artistas merecem citação. No fundo, nós temos os caricaturistas que os nossos políticos merecem (apesar de, por vezes, os políticos estarem a ser favorecidos com a comparação, como é o caso da actualidade), temos a arte que a nossa cultura não consegue destruir. No entanto, mesmo que por vezes se tente dar ao leitor mais elementos biográficos, estamos condicionados às raras informações que chegaram até nós, já que se a maioria perdeu na memória frágil dos homens, em vivências nunca impressas.

As suas obras ficaram presas nos papéis envelhecidos das bibliotecas, com cotas que marcam publicações como o «Charivari», «Micróbio», «Pontos», «Pontos e Vírgulas», «O Penacho», «A Corja», «O Alfacinha», «Ridículos», «Maria da Fonte», «Maria Rita», «Cavaqueira Política», «A Algazarra»... Aí encontramos desenhadores medíocres, de traço infantil como o Augustus, João Cabral, Jacinto Navarro, N. Santos, Mariares, Constantino, Gil, Braz, E. Castro, Raul, Pires Guimãres, Humberto Morais, Chico Lisboa... ou de traço academizado, já com um domínio do desenho e do humor, nas obras de Jacinto Costa, Almeida e Silva, Santos Silva, Simões Júnior, Nogueira,

Sousa Nogueira...

Este academismo, que era fruto do gosto da época, estava dominado pela influência tutelar de Raphael, razão pela qual denominamos esta escola gráfico-humorística por **Raphaelismo**. É o naturalismo vigente, marcado com a exageração caricatural do «barroco-decorativismo» que criou escola pela mão de Raphael, mantendo-se até aos dias de hoje (por vezes com novas influências epocais), como única escola portuguesa.

O humor oitocentista foi, pois, um contraponto de opiniões à procura de um traço viável para a comunicação das «mensagens» a transmitir. Raphael, numa visão estética com maior educação cultural, procurava os seus modelos além-fronteiras. Uns tantos, mais preocupados na sátira, ou na satisfação do gosto do público português, tinha o seu modelo em Raphael. O resto, herdeiros da sátira anónima e virulenta, manteve-se nessa linha de mediocridade estética, e humor ordinário.

Alguns raphaelistas

Eis alguns dos desenhadores que merecem uma referência, e dos quais conseguimos dados biográficos:

José de Almeida e Silva — Um viseense que tem trabalhos publicados no «Maria da Fonte» (1885/6), no «Charivari» (1886/90), na «Cavaqueira Política» (1988)... jornais da cidade do Porto. É possuidor de um traço forte, no academismo raphaelista, destacando-se numa crítica política irreverente. A sua virulência levou-o, por uma questão política de um dado momento, a enfrentar o mestre Raphael, ao ponto do insulto mútuo.

Teve uma vida curta, mas incisiva, na caricatura, onde se descatou como um dos humoristas mais virulentos contra o John Bull, contra o Ultimatum. O desenho humorístico foi apenas um género criativo de passagem, preferindo a pintura, onde conquistou notoriedade no seu

N.º 8

A ALGARZARRA

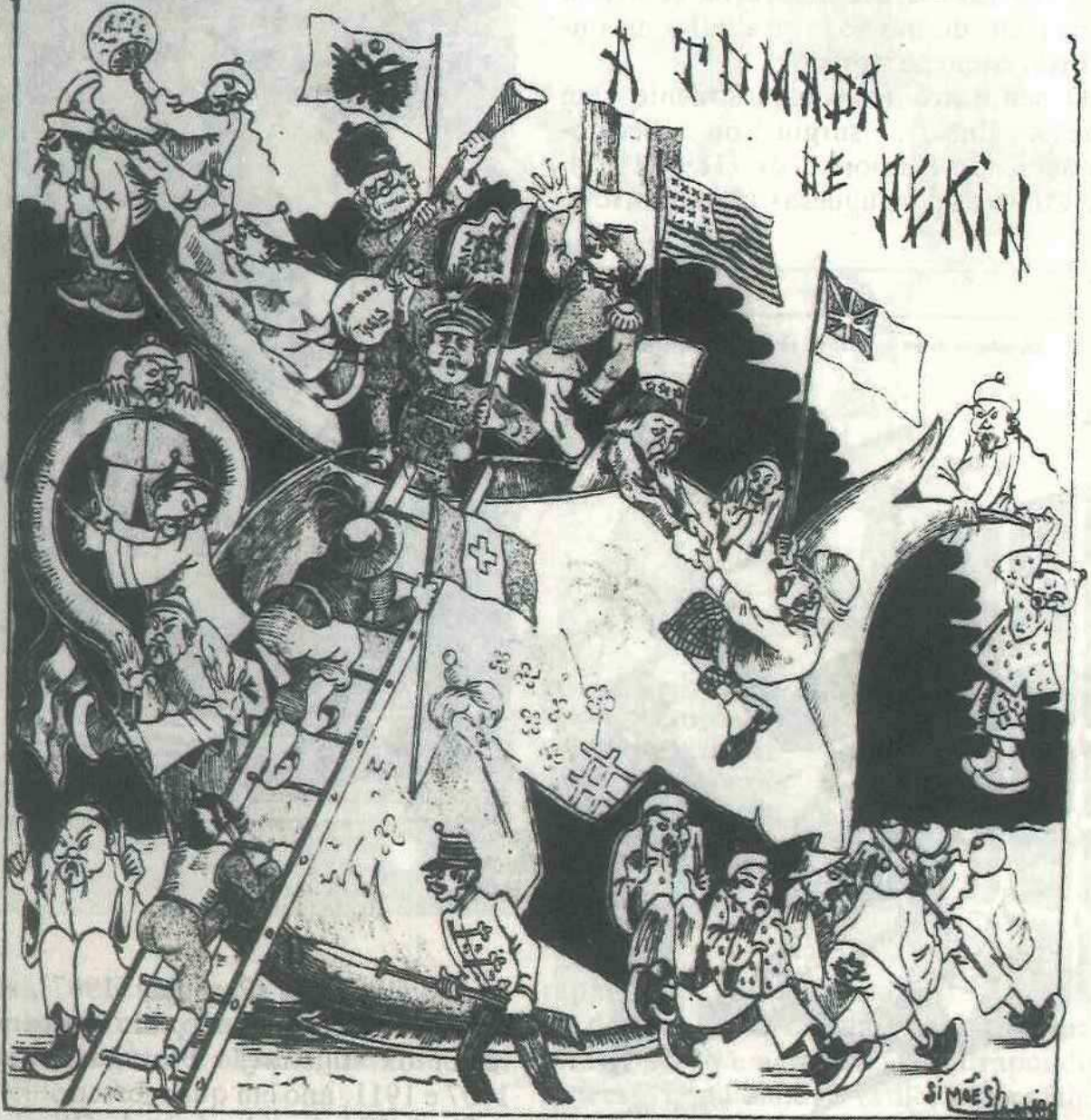
Editor—Gaspar Garcia

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E IMPRESSÃO

TYPOGRAPHIA POPULAR

R. de Santo André, 76

Lyth. União-T. de Cedofeita, 22-PORTO



1 de Setembro
de 1900

Temos o chá entornado

N.º 10—2.º Anno

tempo, dentro de um «academismo» premiado nos «Salons».

Francisco Teixeira — Natural de Mirandela, onde nasceu em 1865. Era um homem de espírito e sociedade, ligado ao desporto, sobretudo à equitação, e de franco convívio no meio artístico, onde fomentou tertúlias com os principais artistas da sua época.

É um artista «sem mestre», como a maioria, que evoluiu pela experiência, pelo diálogo, troca de ideias, nas influências do dia-a-dia. Dedicou-se à pintura; experimentou a cenografia no Teatro de Mirandela, e depois no Teatro Príncipe Real, de Lisboa; fez ilustração de livros, para além de um vasto trabalho na imprensa, como humorista.

O seu traço negro, geralmente sem «meias tintas», surgiu no «Século-Suplemento Humorístico» (1899/1907), «A Comédia Portuguesa» (1902), «Novi-

180



4.º ANO

Atribuições de um caricaturista perante a lei das rolhas

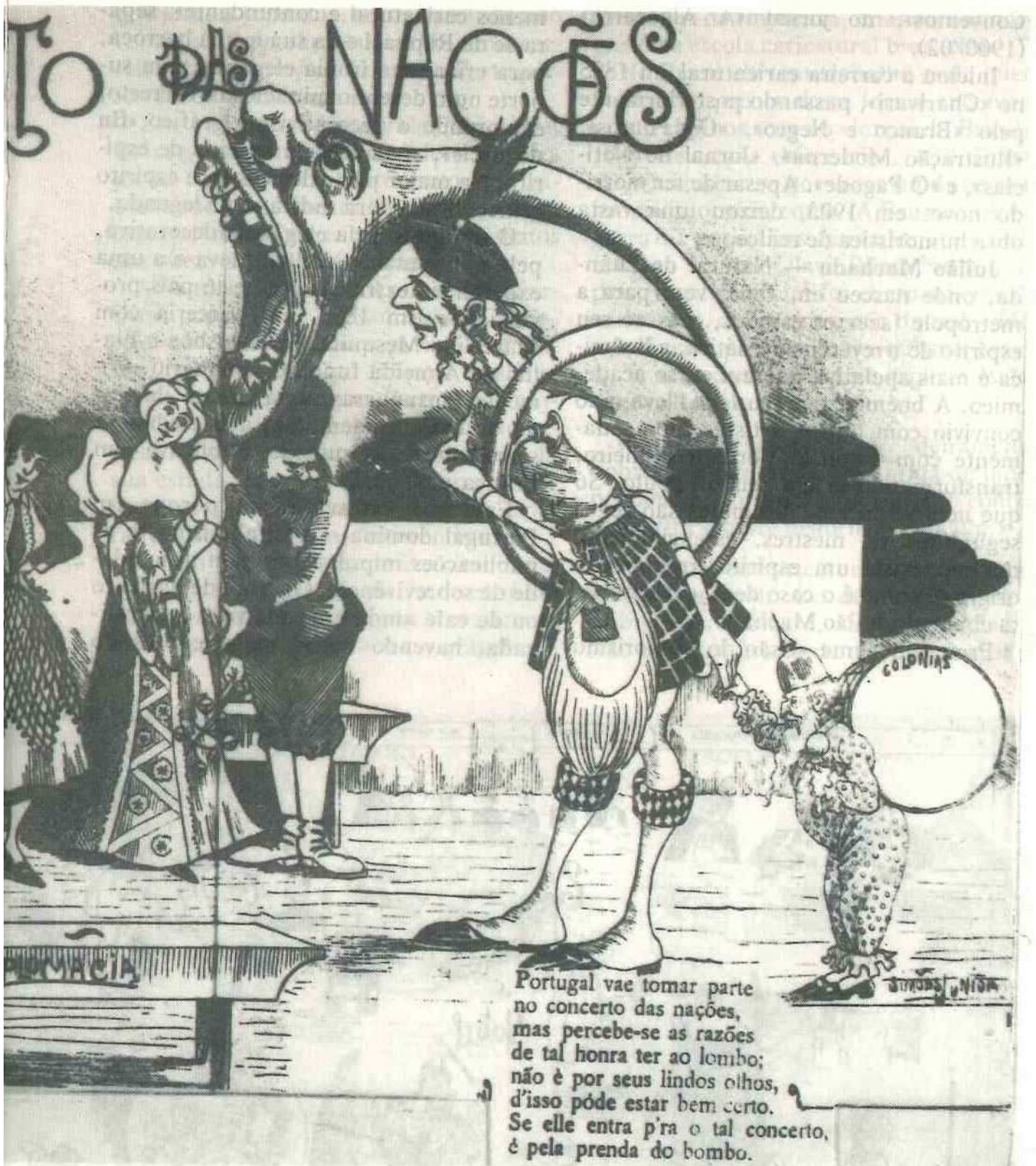


De um lado, a rolha; do outro, os ferros d'el-rei. Ora aqui está como um caricaturista português, nascido no anno da graça de 1864, se encontra subitamente no anno do Senhor de 1890. Emfim, nem só o caraquejo anda para traz!...



dades» (1905/7), «Paródia» (1907), «Tiro e Sport» (1910), e tendo sido também director da «Ilustração Portuguesa» entre 1907 e 1911, ano em que morreu.

Simões Júnior (António de Oliveira S. J.) era um portuense, despachante da Alfândega do Porto, que saiu do anonimato



da sua profissão, pela mordacidade do traço antimonárquico e anticlerical que impôs na caricatura portuguesa do fim do século.

Nascido em 1875, foi um autodidacta que entrou na caricatura através do estilo

raphaelista, adoçado pelo gosto decorativo de um Julião Machado, criando um estilo bojudo e agradável. Contrapondo-se a essa docilidade de estilo, a sua sátira era directa e incisiva, principalmente no referente à Igreja, em que ficaram célebres os trabalhos sobre «Os Serões nos

Conventos», no jornal «A Algarra» (1900/02).

Iniciou a carreira caricatural em 1895 no «Charivari», passando posteriormente pelo «Branco e Negro», «Os Pontos», «Ilustração Moderna», «Jornal de Notícias», e «O Pagode». Apesar de ter morrido novo, em 1903, deixou uma vasta obra humorística de realce.

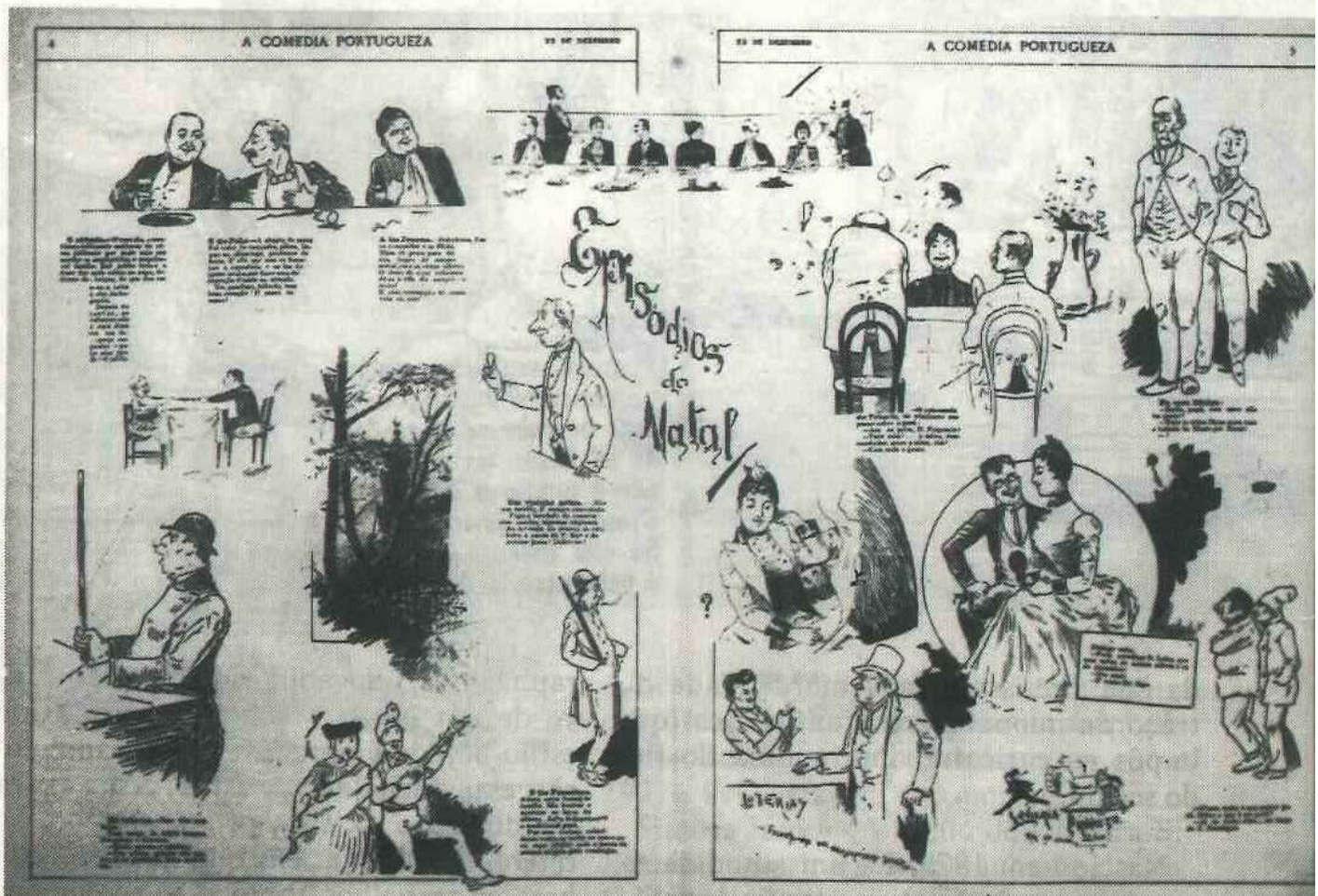
Julião Machado — Natural de Luan-da, onde nasceu em 1863, vem para a metrópole fazer os estudos, mas ao seu espírito de irreverência e sátira, a boémica é mais apelativa que um curso académico. A boémia, por seu lado, leva-o ao convívio com outros artistas, nomeadamente com Raphael Bordalo Pinheiro, transformando-se em seu discípulo. Só que nem sempre os discípulos são cegos seguidores de mestres, essencialmente quando existe um espírito irrequieto e original, como é o caso deste caricaturista chamado Julião Machado.

Preferindo uma «visão do humorismo

menos caricatural e contundente», separa-se de Raphael e da sua ironia barroca, para criar uma ironia elegante, com suporte num desenho minucioso e correcto, explorando o decorativismo gráfico «fin de siècle», apoiado pela legenda de espírito. Na maior parte dos casos, o espírito crítico da sua obra radica-se na legenda.

O seu gosto pela elegância decorativa, pela apresentação de luxo, leva-o a uma experiência extravagante neste país provinciano. Em 1888, em parceria com Marcelino Mesquita, Silva Lisboa e Fialho de Almeida funda o semanário «Comédia Portuguesa», uma revista ilustrada de luxo, comentando a Sociedade à semelhança do que se publicava em França.

Era uma extravagância, porque em Portugal domina o analfabetismo, e as publicações impressas tinham dificuldade de sobrevivência. O jornal de barbeiro ou de café ainda era uma voga generalizada, havendo muito mais leitores do



que jornais vendidos, ou seja a venda não cobria as despesas. Apesar de uma carreira «brilhante», «A Comédia Portuguesa» durou apenas um ano.

Em 1891 vêmo-lo a trabalhar na «A Baixa», mantendo o domínio da crítica social na sua obra. Entretanto, foi trabalhando como ilustrador de livros, com especial relevo para os trabalhos feitos nas obras de Fialho de Almeida.

Vivendo as dificuldades de todos os artistas portugueses, na sobrevivência, desejando conhecer novos mundos artísticos, parte em 92 para França, estabelecendo-se em Paris como discípulo do pintor Carmon, e ganhando a vida como caricaturista. O sucesso não foi a chave da sua estada, por essa razão emigra de novo, agora para o Brasil, terra das esperanças dos portugueses oitocentistas.

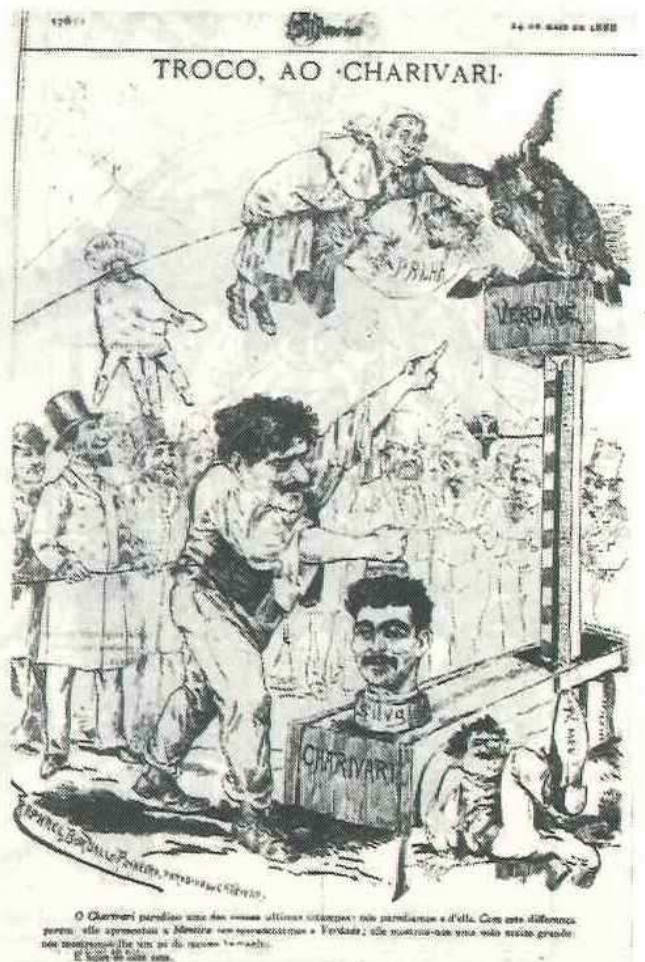
Se em Portugal ele desenvolveu uma nova via do Raphaelismo, sem contudo entrar em total ruptura com o academismo vigente, no Brasil seria o grande re-

formador da imprensa, criando um novo gosto na escola caricatural brasileira.

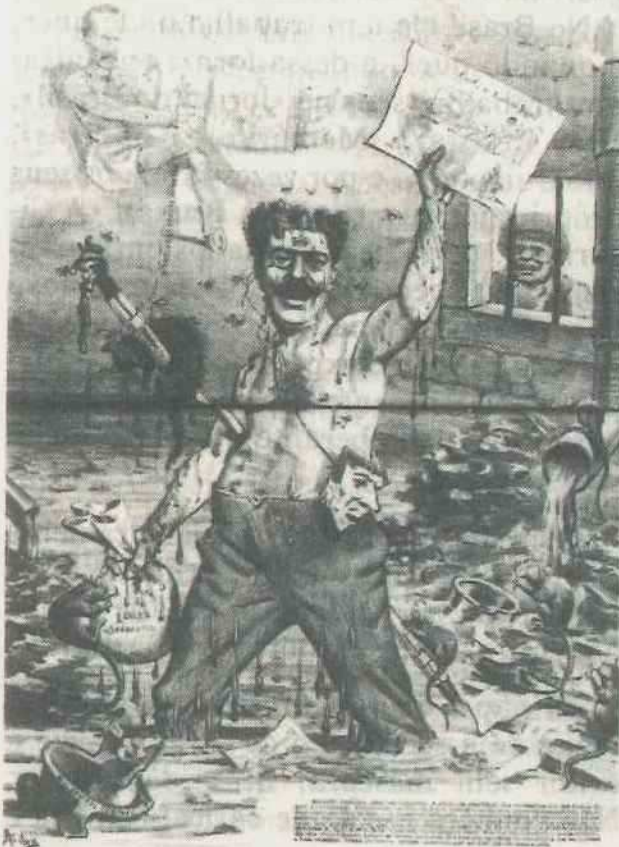
No Brasil ele tem trabalho onde quer, e quando quer, e dessa forma encontramos trabalhos seus no «Jornal do Brasil», «Rio Revista», «Mercúrio», «Gil Brás», «D. Quixote»... e por vezes funda os seus próprios jornais, como «A Bruxa», «A Cigarra»... periódicos fundados em parceria com o poeta Olavo Bilac. Neste novo país, a sátira social foi companheira da caricatura, como expressão da sua «independência» perante o caciquismo brasileiro, a verdade perante o espírito escravagista do país.

«Na sua expressão verdadeiramente nobre, a caricatura é uma arma de independência, ao serviço da verdade contra a mentira sempre disforme e ridícula.»

«O papel do caricaturista na política, longe de a servir, é o de a revelar, de a exhibir sem máscara, de a desnudar... Não conheço escola de caricatura. Ela é



EUREKA!...



EM CAMINHO DE FERRO



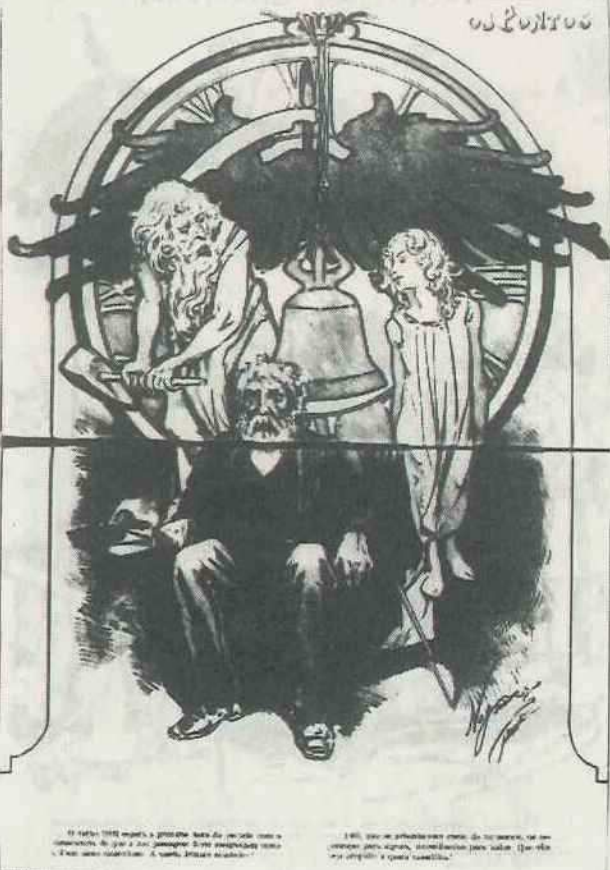
Pacientemente sentado
Com o rosto de esquilão,
Mas no ar de quem
Entra outro, de mau feitio.

Pacientemente todo se assenta
À espera do trem,
Trem que não vem,
Que o outro abra com um reboto.

Com o olhar de vaca,
Mas não sabe para onde ir,
Que o trem, de grande altura,
Passa-lhe logo ao lado.

Com o ar de quem espera
Por um trem que não vem,
Espera e desconfia,
Um dia virá o salgado!

os Outros



1890. Um homem de grande porte de pédo com a
cabeleira de pé e um pequeno de pé esperando o
trem sem sucesso. A mulher, bonita e jovem.

1891. Um homem de grande porte de pédo com a
cabeleira de pé e um pequeno de pé esperando o
trem sem sucesso. A mulher, bonita e jovem.

CASOS, TÍPOS E COSTUMES

A PROVÍNCIA DE LISBOA



Visto lá de seu terra,
Ele em Lisboa, e Thomaz,
Bastante a andar no terra,
Dentro de dez d'estrado.

Com sempre sempre em Lisboa,
A mostrar todo a gente,
Lava um pouco a roupa,
Lava outra parte no terra.



E como, em vez de, sempre
Fala-se muito sobre,
Não me por pouco, não em caso,
Nem sobre de...



As que tem sempre perfeito,
O que não sempre, sem razão,
Põe-lhe a parte a parte
Põe-lhe a parte a parte...

EM CAMINHO DE FERRO

30 de novembro de 1890



Com um olho que tem,
Visto lá de seu terra,
Ele em Lisboa, e Thomaz,
Bastante a andar no terra,
Dentro de dez d'estrado.

Com sempre sempre em Lisboa,
A mostrar todo a gente,
Lava um pouco a roupa,
Lava outra parte no terra.



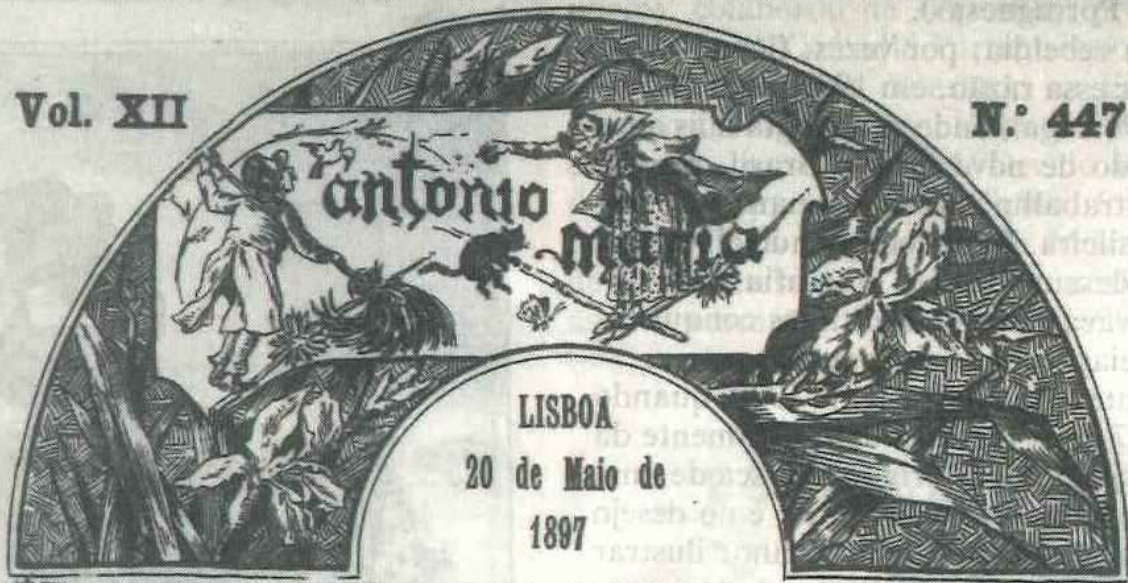
Quando se trata de taberna
Paga a conta a paga-se,
O pouco paga-se a parte
-Lá, por aqui, a boa parte



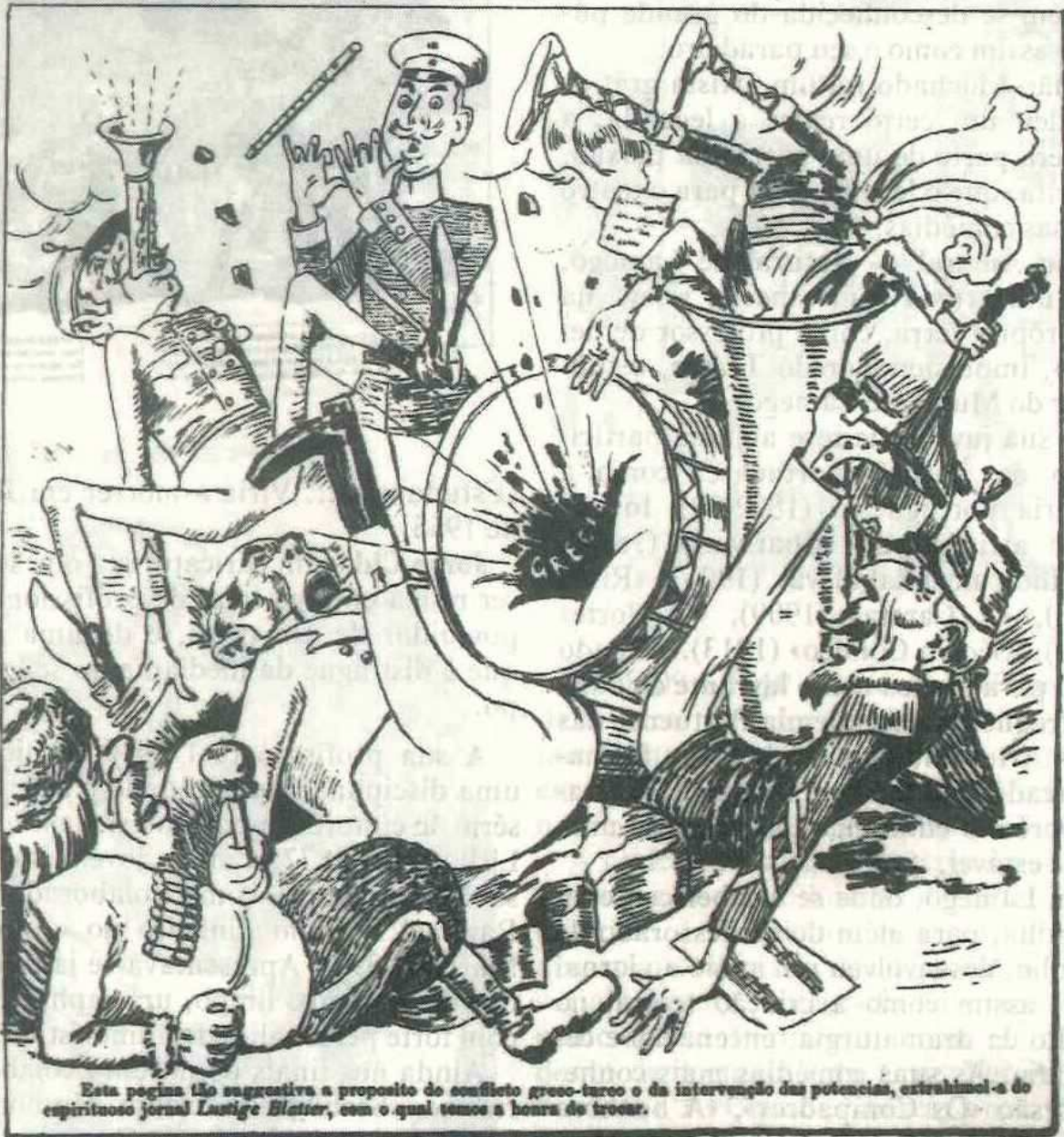
As que tem sempre perfeito,
O que não sempre, sem razão,
Põe-lhe a parte a parte
Põe-lhe a parte a parte...

Vol. XII

N.º 447



FINAL DO CONCERTO EUROPEU



Esta pagina tão suggestiva a proposito do conflicto grego-turco e da intervenção das potencias, extrahimol-a do espirituoso jornal *Lustige Blatter*, com o qual temos a honra de trocar.

arte dos rebeldes.» (Entrevista na «Ilustração Portuguesa»).

Esta rebeldia, por vezes, ficou-lhe cara. Por essa razão, em 1905 tenta regressar a Portugal, onde se aguenta dois anos voltando de novo para o Brasil, prosseguir o trabalho, e revolucionar a imprensa brasileira. Raphael, quando ali esteve, tinha desenvolvido a litografia, mas Julião levava consigo as últimas conquistas europeias, como a zincografia.

Manteve-se no Brasil até 1920, quando com 57 anos regressa definitivamente da sua viagem migratória, em busca de uma velhice calma na terra natal, e no desejo de concretizar um velho sonho: ilustrar «Os Lusíadas», trabalho que não concluiu, ficando no Canto IX. Esta obra mantém-se desconhecida do grande público, assim como o seu paradeiro.

Julião Machado foi um artista gráfico que deu um certo realce à legenda, a qual era parte de uma outra sua paixão, a escrita, que o levou a criar para o teatro diversas comédias.

João Amaral — Natural de Lamego, seria um artista com especial relevo na sua própria terra, como professor de desenho, impulsionador do Teatro, e fundador do Museu de Lamego.

Na sua juventude teve alguma participação nos jornais portuenses como a «Galeria Portuguesa» (1892-93), foi director artístico do «Charivari» (1898), trabalhou no «Raboleva» (1905), «Riso» (1905), «A Careta» (1909), «O Norte» (1909), «Século Cómico» (1913)... Tendo vindo para Lisboa como lavrante de ourives, frequenta a Academia Portuense das Belas Artes onde apreende a sua formação academizada. Tentaria ainda o Brasil, porém o clima não lhe permitiu uma saúde estável.

Em Lamego, onde se estabeleceu com a família, para além do professorado de desenho, desenvolveu um apoio ao jornal local, assim como a criação teatral no âmbito da dramaturgia, encenação e cenografia. As suas comédias mais conhecidas são «Os Compadres», «A Senhora Ministra», «Que Grande Trapalhada»,



«Estudantes»... Viria a morrer em Julho de 1955.

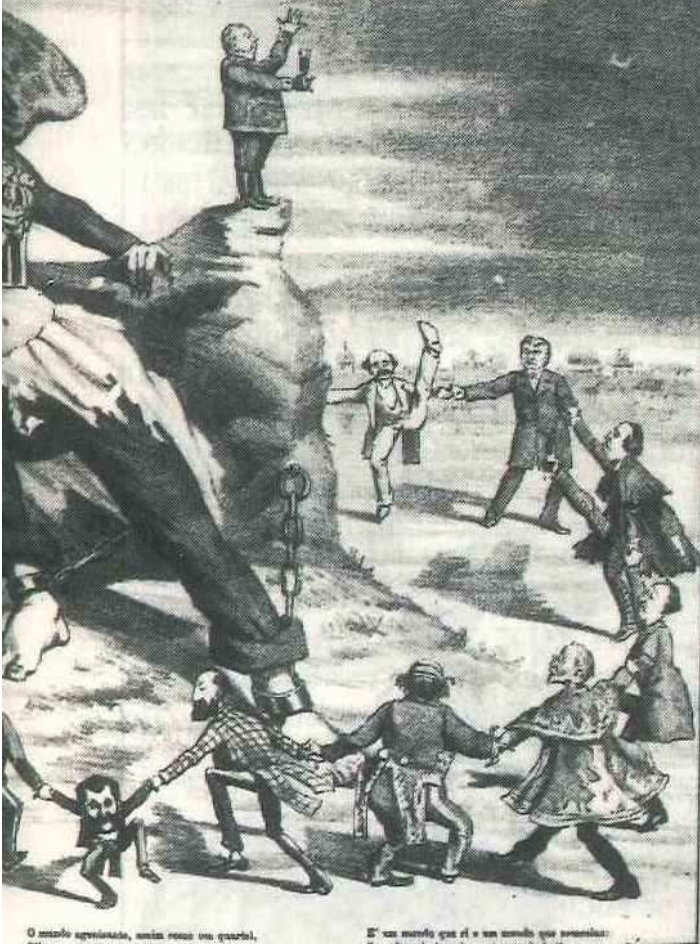
Jorge Cid é um caricaturista que sem o ser numa entrega total de profissional, é possuidor de um traço, e de uma obra que o distingue da mediania do seu tempo.

A sua profissão real foi a medicina, uma disciplina que tem dado à arte uma série de cultores importantes. Nasceu em Lisboa, em 1877, e ainda jovem iniciou-se na caricatura como colaborador de Raphael Bordalo Pinheiro no «António Maria» (1897). Apresentava-se já possuidor de um traço limpo, um raphaelismo com forte personalidade humorística.

Ainda nos finais de noventa colaboraria no «Século-Suplemento Humorístico», sob o pseudónimo de Gustavo Doré

SOLTA

1.º Ano



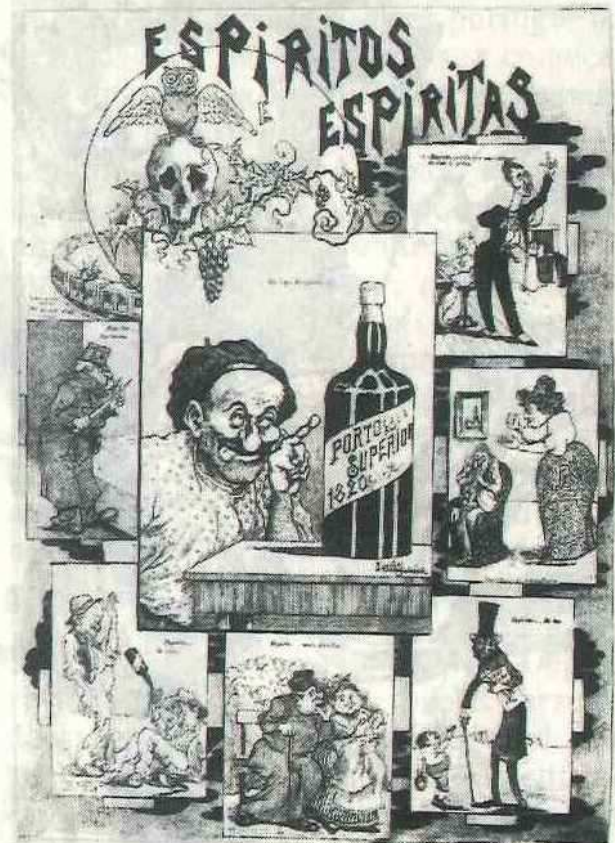
O mundo agourentado, assim como um guarda,
Olha para a taberna, olha para o bordel.
Não dá a generosa — aveludo o jorral;
E o vício bôrrico, o vício harmacocollin.

E' um mundo que si e um mundo que seccia:
Os guisos do fogal e as terras da botica.
E o povo... o povo é rei! E' rei como Jesus.
Para beber a fé, para morrer na cruz.
(Da Alente de D. João)

A FERA

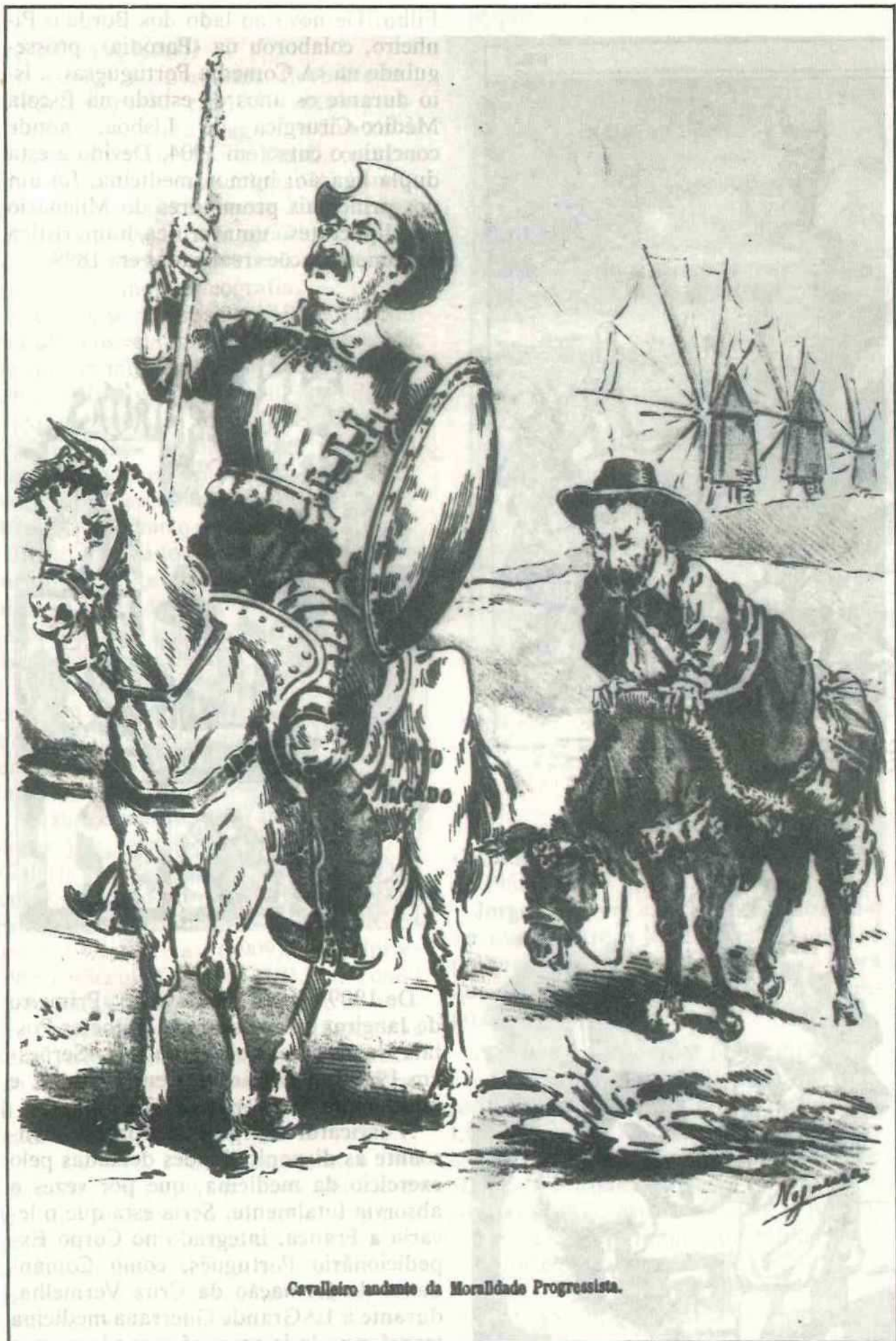


Filho. De novo ao lado dos Bordalo Pinheiro, colaborou na «Paródia», prosseguindo na «A Comédia Portuguesa»... isto durante os anos de estudo na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, aonde concluiu o curso em 1904. Devido a esta dupla ligação: humor/medicina, foi um dos principais promotores do Milenário de Hipócrates, uma crítica humorística às comemorações realizadas em 1899.



De 1909 a 1910 manteve no «Primeiro de Janeiro» uma secção de «Bilhetes Postais Ilustrados», colaborou nos «Serões» em 1910, na «Atlântida» em 1916/17, e no «Sempre Fixe» em 1927/28.

A caricatura surge e desaparece, consoante as disponibilidades deixadas pelo exercício da medicina, que por vezes o absorvia totalmente. Seria esta que o levaria a França, integrado no Corpo Expedicionário Português, como Comandante da formação da Cruz Vermelha, durante a 1.ª Grande Guerra; a medicina transforma-lo-ia em professor e inspector



Cavalleiro andante da Moralidade Progressista.

de Sanidade Escolar da Casa Pia de Lisboa, que por sua vez, o levaria a escrever alguns livros sobre a especialidade.

A sua faceta de homem das artes (caricaturista e ilustrador de livros) induziu a assumir o cargo de Conservador do Museu Sacro e do Tesouro da Capela de S. João Baptista na Igreja de S. Roque da Misericórdia de Lisboa.

Jorge Cid viria a morrer em Dezembro de 1935.

João Saavedra Machado é outro dos artistas que fizeram a caricatura como um trabalho subsidiário à vida profissional; contudo, ao contrário de Jorge Cid, Machado estava totalmente embrenhado nas artes plásticas.

Natural de Lisboa, onde nasceu em Outubro de 1889, estudou desenho com Condeixa, Luciano Freire, Nunes Junior, e anatomia artística com o Dr. Henrique Vilhena. Diplomado em Desenho pela Escola de Belas-Artes, em 1906 foi nomeado desenhador-conservador do Museu Etnográfico de Belém em 1913, e preparador-desenhador do Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina, em 1920. Desta forma, hoje pode-se encontrar naquelas casas um excelente espólio documental artístico e científico.

Iniciou-se no humor e caricatura em 1906 na «Paródia-Comédia Portuguesa», o herdeiro do último jornal de Raphael, e dirigido pelo seu filho Manuel Gustavo. Passaria pela «Semana Ilustrada» onde criou a série «Glórias de Portugal», pelo «Século», «Alma Nova», «O Espectro», «O Novo Algarve», «Sempre Fixe», «Revista Universal Portuguesa»... Desenhador de traço fácil, académico por formação escolar, raphaelista por gosto humorístico, e ironista por género de crítica.

Escreveu vários trabalhos subsidiários sobre arte e antropologia. Viria a morrer em 1950.

Estes são alguns dos artistas/humoristas que nasceram sob a hegemonia de Raphael Bordalo Pinheiro, e que desenvolveram a sua intervenção humorística dentro da escola Raphaelista. Existem

muitos mais, dos quais iremos falar ao longo destes artigos, já que o Raphaelismo é uma escola que pontua toda a nossa história humorística até aos nossos dias. Porém, não queria terminar esta primeira abordagem a esta Escola, sem falar no principal discípulo, o filho mais directo de Raphael.

Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, era o filho único de Raphael Bordalo Pinheiro, e seu sucessor na caricatura e na cerâmica.

A família Bordalo Pinheiro, a mais importante família da arte portuguesa, deu-nos uma série de artistas, a começar pelo «patriarca» Manuel Maria, passando pelos seus três filhos artistas Raphael, Columbano e Maria Augusta, terminando no seu neto Manuel Gustavo. De Raphael já toda a gente conhece o percurso humorístico. Columbano, que o seu irmão Raphael apresentava como o maior humorista da família, apenas fez uns poucos desenhos de tendência satírica, nos primeiros anos de carreira, dedicando-se posteriormente à pintura, onde foi mestre. Maria Augusta foi a grande renovadora da arte das rendas e bordados.

Manuel Gustavo nasceu em 1867, quando Raphael ainda não pensava dedicar-se em exclusivo ao humor. Depois viveria toda a evolução, toda a carreira do pai, procurando imitá-lo desde os seus primeiros rabiscos. Esta sua educação, esta filiação, levaram a maioria dos historiadores a considerarem-no como um fraco imitador de seu pai. Os desenhadores que com ele privaram tinham-no em grande admiração, procurando imitá-lo como continuador da Escola Raphaelista.

Apesar de não possuir o génio de seu pai, no âmbito da caricatura, Manuel Gustavo não deixou de ser um bom desenhador, mais decorativo do que o pai (num gosto próximo da «Art Nouveau»), possuidor de um humorismo com graça e agudo espírito de análise social.

Sendo o seu pai proprietário dos jornais, naturalmente iniciou a sua carreira num deles, no «António Maria», e pros-



seguiria nos «Pontos nos ii» e na «Paródia», do qual foi director por afastamento do pai, e posterior morte. Os primeiros trabalhos estão não só marcados pela influência do pai mas também pela cultura estética aberta ao conhecimento do que se passava além fronteiras. O seu pai estava em constante contacto/conhecimento dos trabalhos publicados em França, Inglaterra... e dessa forma descobrimos Manuel Gustavo a copiar W. Buch e Caran d'Ache.

Raphael já tinha desenvolvido por várias vezes as «caricaturas cénicas», ou seja, a narrativa caricatural desenvolvida em vários quadros, criando uma sequência. Manuel Gustavo, ao imitar aqueles artistas franceses, desenvolveu essa arte de bandas desenhadas. «Casos, Typos e Costumes» era uma sequência de histórias onde o pobre burguês caía sempre em ridículo, num realismo pitoresco desenvolvido numa narrativa figurativa.



Um dos exemplos destas histórias é eterno tema do casamento: «Contos Electricos — Viram-se os dois: Que desejos! E tomaram gargarejos, e deram furtados beijos, e casaram de abalada. Lua-demel passa breve, depois, já diz o almo-creve, que ella tem cabeça leve, e elle, ao contrário, pesada...» (in «Pontos nos ii», 28/7/1887).

Na caricatura política, para além dos artifícios já utilizados pelo seu pai, viria a apresentar uma novidade, ao imitar os vasos gregos, em que os personagens se recortam a branco num fundo escuro. Mais um artifício decorativo, para cativar o público.

Com a morte do pai, e queda do seu jornal «A Paródia», Manuel Gustavo foi dedicando cada vez mais tempo à Fábrica de Cerâmica das Caldas, onde foi um grande criador e da qual foi um excelente administrador. Viria a morrer em 1920. ■